

REENCONTRO
literatura

Camilo Castelo Branco

**Amor de
perdição**
(Memórias duma família)

Adaptação de
Renata Pallottini

Ilustrações de
Ricardo Costa



editora scipione

Gerente editorial

Sâmia Rios

Editora

Maria Viana

Editor assistente

Adilson Miguel

Preparadora de texto

Ivonete Leal Dias

Revisoras

Amanda Valentin, Michele Tessaroto,

Sandra R. de Souza e Paula Teixeira

Editora de arte

Marisa Iniesta Martin

Diagramadora

Fabiane de Oliveira Carvalho

Programador visual de capa e miolo

Didier Dias de Moraes



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: atendimento@scipione.com.br

2014

ISBN 978-85-262-6362-8 – AL

ISBN 978-85-262-6364-2 – PR

Cód. do livro CL: 735341

CAE: 208601

1.ª EDIÇÃO

7.ª impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pallottini, Renata

Amor de perdição: (memórias duma família) / Camilo Castelo Branco; adaptação de Renata Pallottini; ilustrações de Ricardo Costa. – São Paulo: Scipione, 2006. (Série Reencontro Literatura)

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Castelo Branco, Camilo, 1825-1890. II. Costa, Ricardo. III. Título. IV. Série.

06-2335

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção: Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

<i>Quem foi Camilo Castelo Branco?</i>	5
Capítulo I	6
Capítulo II	11
Capítulo III	15
Capítulo IV	18
Capítulo V	21
Capítulo VI	25
Capítulo VII	29
Capítulo VIII	33
Capítulo IX	38
Capítulo X	41
Capítulo XI	48
Capítulo XII	52
Capítulo XIII	56
Capítulo XIV	59
Capítulo XV	63
Capítulo XVI	67
Capítulo XVII	70
Capítulo XVIII	72
Capítulo XIX	74
<i>Quem é Renata Pallottini?</i>	80

QUEM FOI CAMILO CASTELO BRANCO?

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, a 16 de março de 1825. Perdeu a mãe aos dois anos e o pai, aos dez, tendo sido criado por uma tia.

Casou-se com Joaquina Pereira em 1841, quando tinha 16 anos. Pouco depois, em 1844, Camilo começou a frequentar o curso de Anatomia, na Escola Médica do Porto. Mas os estudos não foram o bastante para afastá-lo da vida boêmia. Em 1845, foi reprovado por faltas.

Intensos movimentos sociais marcaram o ano de 1846, e as aulas foram suspensas. Camilo voltou à Vila Real de Trás-os-Montes, onde se envolveu numa aventura amorosa com Patrícia Emília. Como era casado, foi obrigado a fugir com a amante para o Porto. Mas acabou sendo preso sob a acusação de bigamia. Com a morte de Joaquina Pereira, no ano seguinte, a acusação deixou de existir.

A partir de 1848, Camilo passou a viver de jornalismo, e voltou a frequentar a boêmia.

Ainda teve alguns amores passageiros antes de encontrar Ana Plácido, considerada a mulher de sua vida. Mais uma vez, porém, a relação não poderia ser tranquila: Ana também era casada. Novamente foi perseguido e preso. E quando saiu da cadeia, tinha se tornado um homem angustiado.

Sua produção literária, nesse período, foi muito intensa. Escreveu novelas, crítica literária, poesia, teatro.

Além das graves crises familiares e financeiras, Camilo começou a ter problemas de visão que acabaram resultando em cegueira.

Em 1.º de junho de 1890, num ato de desespero, ele resolveu pôr fim à sua vida com um tiro na cabeça.



Capítulo I

Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de linhagem das mais antigas de Vila Real de Trás-os-Montes, era, em 1779, juiz em Cascais e nesse mesmo ano se casara com uma dama do palácio, dona Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha de um capitão de cavalaria, de notável posição.

Dez anos de enamorado, malsucedido, consumira o bacharel provinciano. Para fazer-se amar pela dama da rainha faltavam-lhe dotes físicos, pois Domingos Botelho era extremamente feio; faltavam-lhe ainda bens de fortuna. Além disso, não era muito inteligente.

Devia, no entanto, ter alguma vocação, e tinha: era excelente flautista, e assim se sustentava em Coimbra, quando o pai lhe suspendeu as mesadas porque tinha de socorrer outro filho, preso por crime de morte.

Domingos se formara em Coimbra em 1767 e fora a Lisboa estudar no tribunal do Paço, iniciação comum aos que aspiravam à carreira da magistratura.

O bacharel flautista, por seu bom humor e espírito cômico, conseguiu a estima da rainha dona Maria I e do rei Pedro III. Com isso, manteve-se bem em Lisboa, pleiteando sempre o cargo de juiz em Cascais, próximo à capital, o que mais tarde conseguiu.

Foi por intermédio da rainha que ele conseguiu aproximar-se de sua dama e, por fim, casar-se com ela. Dona Rita era uma formosura, e conservou-se bela até em idade avançada. Tinha uma família muito nobre; entre seus ancestrais, havia um que morrera na terra dos mouros, torturado numa caldeira, razão pela qual seus descendentes acrescentavam ao nome a palavra *Caldeirão*, já que era um motivo de glória.

A dama do paço não foi feliz com o marido, pois sentia falta das pompas do palácio. Mas isso não impediu que o casal tivesse filhos, dois meninos e três meninas. O mais velho chamava-se Manuel, e o segundo, Simão; das meninas, uma era Maria, a segunda, Ana e a última, Rita, como a mãe e quase tão bonita como ela.

Em 1784, ano do nascimento de Simão, conseguiu o juiz transferência para Vila Real, que era o que desejava. Quando chegaram, à distância de uma légua da vila, já estavam as liteiras da nobreza esperando pelo casal. Ao vê-los, dona Rita ajustou a sua luneta de ouro e disse:

– Ó Meneses, aquilo o que é?

– São os nossos amigos e parentes que vêm esperar-nos.

– Em que século estamos nós nesta montanha?

– No século XVIII, aqui como em Lisboa... – respondeu o marido, desapontado.

– Ah, sim? pensei que aqui o tempo parara no século XII...

Domingos Botelho não achou graça nessas palavras, que denotavam desprezo e excesso de orgulho. Fernão Botelho, pai do juiz, adiantou-se e deu a mão à nora, para conduzi-la a casa.

Dona Rita perguntou-lhe se não havia perigo em entrar naquela antiguidade. Fernão Botelho asseverou-lhe que a liteira não tinha ainda cem anos, e que os cavalos tinham menos de trinta...

O modo altivo com que a senhora recebeu as cortesias da velha nobreza da terra, que viera em tempos de Dom Dinis, fundador da vila, em 1288, fez com que todos se desgostassem dela.

Alguns dias depois de instalada na velha casa da família, a dama disse ao marido que tinha medo de ser devorada pelas ratazanas, que aquela casa era um covil de feras e que as paredes não resistiriam ao inverno.

Diante de tanta reclamação, Domingos Botelho começou a construir um palacete. Seus recursos, porém, eram escassos, e ele precisou contar com a ajuda de dona Maria I, que nunca lhe faltava. A rainha proporcionou tal luxo a essa construção que todos acharam que ela estava, de fato, demente.

Os primos da família Botelho encantaram-se com a beleza da esposa de Domingos e, para conquistá-la, esmeravam-se em enfeites e meneios de cavalos à sua porta. Domingos, que tinha espelhos e conhecia sua pouca beleza, estava morto de ciúme. Por isso, tratou de conseguir nova remoção, que lhe foi concedida depois de seis anos: foi nomeado provedor de Lamego.

Ainda não satisfeita com sua nova mudança, dona Rita ameaçava ir-se com os filhos para Lisboa caso Domingos Botelho não aceitasse sair daquela terra, onde as famílias mais nobres desdenhavam sua presunção e menosprezavam seu marido, por ter vivido dois anos em Coimbra tocando flauta.

Corria o ano de 1801 quando Domingos Botelho foi nomeado corregedor em Viseu. Naquele tempo, Manuel, o filho mais velho, tinha já 22 anos e frequentava o segundo ano de Direito em Coimbra. Simão, o segundo filho, estudava humanidades, também em Coimbra, enquanto as três meninas permaneciam, como era hábito, em companhia dos pais.

A essa altura, Manuel mandou uma carta ao pai, queixando-se de que não conseguia conviver com o irmão, por causa de seu gênio violento. Simão andava armado, convivia com os mais